

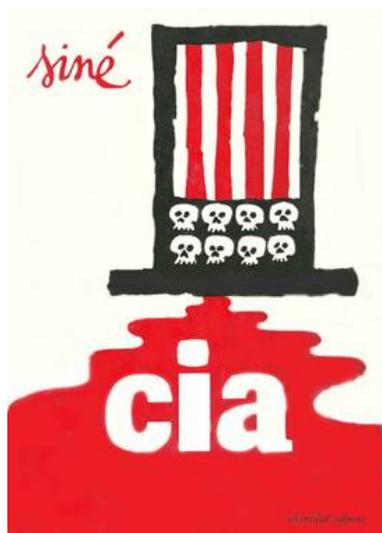
CRAVOS DE ABRIL

FILME E TEXTO DE RICARDO COSTA

crónica inconveniente da Revolução dos Cravos

Na dia 25 de Abril de 1974, cerca das 8h da manhã, fui acordado com um telefonema do Ilídio Ribeiro, meu amigo de há muitos anos, que me disse que um golpe de estado estava em curso e que me viria buscar para irmos filmar o que se passava. O Ilídio era mestre em piadas provocatórias. Julguei tratar-se de mais uma delas, mas ele jurou que falava a sério. Eu tinha em casa uma máquina de filmar de 16mm, uma Paillard Bolex com motor de corda, equipada com uma objectiva zoom de boa qualidade, e 240 metros de negativo Eastman, a cor: 120 metros divididos em quatro bobines de 30 (medida adequada à câmara) e outra de 120 metros, inteira.

Nessa altura eu e o Ilídio estávamos envolvidos em prática editoriais políticas e de vanguarda. MONDAR editores era o nome da casa de que eu era gerente, com sede no número nº 48 da Estrada de Moscavide, um rés-do-chão direito. A MONDAR sucedia aos CADERNOS DE HOJE, que editava obras de conteúdo semelhante desde o início dos anos sessenta e que partilhava um pequeno apartamento de segundo andar com o José Ernesto de Sousa, no nº 15 da Travessa do Fala Só, em Lisboa, local onde ele vivia e trabalhava. Tinha acabado de lançar o Cineclubes Imagem, que eu e o Ilídio frequentávamos. Eramos amigos unidos em torno do



cinema e do comum interesse pelos bonecos da Rosa Ramalho, do Mistério e do Franklin Villas Boas. Eu acumulava então a actividade de editor (não lucrativa) com aulas no Liceu Padre António Vieira, em frente do qual vivia. Fora de horas leccionava no Crisfal, colégio para adultos situado em frente do Campo Pequeno. A Mondar tinha no prelo a edição de um livro de desenhos humorísticos, intitulado "CIA", do impagável cartoonista francês Maurice Siné, então em grande voga. A PIDE perseguia-nos: espionagem, apreensão de edições, ameaças de prisão, de expulsão do ensino.

O Ilídio chegou de carro, passado pouco tempo. Tinha ouvido umas vagas notícias sobre o golpe e não sabia em que pontos da cidade estavam a decorrer os acontecimentos. Ligou então o rádio, tentando captar no éter algo que nos guiasse. Era uma velha telefonia de banda corrida, com frequências além das ocupadas pelos órgãos de informação. Graças a um demónio incauto, o milagre aconteceu: sintonizámos um

posto de comunicações da GNR que referia operações no Chiado e na Praça do Comércio. Seguimos para o Chiado.

Seria perto das 9h quando lá chegámos. Estava tudo calmo, sem gente e sem movimentos de tropas. Estacionámos e resolvemos dar por ali uma volta a pé, passando pela Rua António Maria Cardoso para vermos o que se passava na sede da PIDE. Na rua não havia viva alma. Tínhamos já ultrapassado a porta da entrada caminhando pelo passeio oposto, quando ouvimos o motor de um automóvel que se aproximava nas nossas costas. O carro, com uns quatro ou cinco homens lá dentro, pára a nosso lado. Um deles abre uma janela, mete a cabeça de fora e pergunta-me: «Senhor doutor, o que faz o senhor por aqui? Olhe que isto está bastante feio. Veja lá, tenha cuidado!». Fico de olhos arregalados. Era um aluno do Crisfal, um agente que andava a espiar-me nas aulas. O carro arranca, acelera rua fora e desaparece.

Seguimos para o Terreiro do Paço. Chegámos lá pouco antes das 10h. O local estava calmo, apesar da tensão que se adivinhava, de movimentações de militares em confronto, do ameaçador contingente de carros de combate, de uma misteriosa fragata que deambulava no Tejo. Não havia gente na praça, alguns curiosos apenas tentando entender o que se passava. Não se via uma equipa de televisão nem repórteres da rádio, apenas se avistava, aqui e ali, alguns fotógrafos isolados fazendo discretamente o seu trabalho.

Sem a mínima noção do que se estava a acontecer, comecei a filmar o que me parecia relevante, cautelosamente, em planos curtos, porque era escassa a película que trazia. Foi pouco antes do meio-dia que o aparente marasmo se quebrou com o arranque dos blindados em direcção do Quartel do Carmo. Nesse entretanto apareciam civis receosos, que, perante os sorrisos afáveis dos soldados, se puseram a acompanhar a pé o lento avanço dos carros de combate. Só então se percebeu qual a verdadeira intenção do golpe. Iluminava-se o rosto dos civis e dos soldados, ressoavam os primeiros gritos de vitória. A alegria e a esperança, recalcadas durante décadas de opressão, eram algo que começava a faiscar como um rastilho de pólvora. Pouco tempo depois se daria a explosão. Filmei o avanço dos chaimites na Rua Augusta. Decidimos então arrancar para o Chiado, antecipando a



chegada dos revoltosos. Aí estava plantado um destacamento da GNR, que cedo se rendeu. Seguimos para o Largo do Carmo, centro nevrálgico das operações militares, e por lá ficámos, filmando metro a metro, até se esgotar a película: 120 metros, uns 19 minutos de filme impressionado. Era tarde avançada quando regressámos a casa.

No dia seguinte levei o material ao laboratório da Ulysseia Filmes, em Alvalade, perto de minha casa, para revelar o negativo, tirar uma cópia e mandar dividir a outra bobine de 120 metros em rolos de 30. Ciente da importância do material filmado, telefonei para a sede da cadeia de televisão alemã ARD em Berlim propondo a difusão dessas imagens. Pediram-me que as enviasse de imediato. O aeroporto de Lisboa esteve fechado ao tráfego aéreo durante três dias e só no dia 28 a cópia foi enviada. Foram estas as primeiras imagens da revolução difundidas em televisões estrangeiras, na Alemanha e na Suécia. A Revolução dos

Cravos invadia pouco depois as primeiras páginas dos jornais e os primeiros minutos de notícias das televisões de todo o mundo. E o Siné não hesitou um segundo: meteu-se num dos primeiros aviões que saíram de Paris para Lisboa, uma vez aberto o aeroporto da Portela, chegando dia 31. Instalou-se em minha casa e esteve comigo no dia seguinte na manifestação do Estádio Primeiro de Maio. Foi em minha casa que desenhou a maior parte dos cartoons que se vê no filme. Tendo visto o que queria, solicitado pela imprensa, declarava dias depois, sem papas na língua, não ter sombra de



dúvidas de que a CIA (que colaborava com a PIDE) estava fazendo das suas, precavendo-se perante um desenlace inconveniente do golpe de estado (semanário Expresso, dia 11 de Maio). O mordaz livrinho que o trouxera a Lisboa (modesta edição de 1500 exemplares) esgotou-se num ápice e os custos da edição foram amortizados.

A venda à televisão alemã das imagens que filmei no dia 25 pagou o investimento feito na aquisição da máquina Paillard, adquirida para um documentário sobre a descoberta e recolha de ânforas romanas submersas no estuário do rio Sado, frente às setárias de Tróia. Nasci à beira-mar. Desde sempre, o mar ocupou grande parte do meu imaginário e dos meus lazeres. Pondo cobro à ditadura, a Revolução dos Cravos deu aso a que eu concluísse esse filme (“No Fundo de Tróia”, 1975)

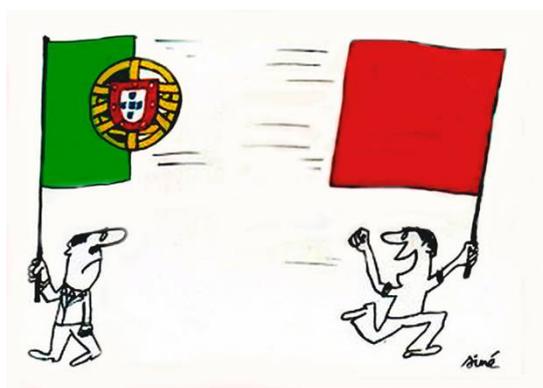
e, por outro lado, deixasse impresso para a História o registo de um dia feliz que eu e muitos da minha geração aguardávamos com alguma ansiedade há muitos anos. Deu aso também a que eu consumasse um



sonho: trabalhar em espaços abertos, onde o sol aquece os ossos e onde o vento sopra arejando as almas. Sentia eu nesses anos alguma inveja de uns tantos que, graças a ambíguas cumplicidades e a certas benesses, conseguiram começar a fazer filmes depois de frequentarem cursos de cinema em Paris ou Londres. Nas tintas, pensava eu,

chegara a minha vez! Lá refreei a inveja, embora os meios de que dispunha e as ambições que tinha fossem algo bem mais modesto, não podendo ir tão longe sem ter de gastar uns tostões do meu bolso.

Jovens que tentavam fazer do cinema a sua vida vêem surgir diante dos seus olhos essa possibilidade, reforçada quando, em 1976, a RTP abre as portas à co-produção externa. Por efeito do acaso, do destino ou da vontade foi o me que aconteceu. Entre vários, sou eu o primeiro a beneficiar dessa porta que se abre. "No Fundo de Tróia" é aceite como filme-piloto para uma série intitulada "MAR LIMIAR". Será esse filme o primeiro de um programa mensal de curtas-metragens de cerca de trinta minutos (com duas longas pelo meio) que eu produzo e realizo



durante dois anos, entre 1975 e 1976. Deixo o ensino e as edições. Embrenho-me no cinema. São outros os tempos em que agora vivo. Sinto-me melhor assim, fazendo o que faço. Neste contexto, "Cravos de Abril" vem a talhe de foice. A RTP aceita também (belos tempos!) a minha proposta de realizar um documentário sobre a

Revolução dos Cravos com as imagens eu tinha feito e com outras, de arquivo, de eventos que não tinha filmado. O filme é montado nos estúdios da RTP e exibido no 1º de Maio de 1976. Exibido um vez, não voltaria a sê-lo.

Este estranho esquecimento, irrelevante entre outros mais esquecidos em coisas bem mais sérias, é um exemplo elucidativo do buraco negro em que caímos. Esvaem-se os ideais de Abril. Desvanece-se a esperança. Portugal retrocede nos poucos progressos alcançados. É terra queimada em que a justiça social se torna miragem. Décadas volvidas, será um dos

mais pobres e endividados países da Europa e mais pobre se tornará nos anos que nos esperam, como muito boa gente teima em anunciar.

A propósito disso, ocorre-me por vezes um absurdo pensamento, que por certo passa também pela atormentada cabecinha de pessoas tão ingénuas como eu, em horas de desalento: se os aguerridos militares de Abril tivessem sabido que tal desgraça iria acontecer, teriam, em nome do povo, metralhado o futuro. Não foi assim. Nada disso aconteceu. Isso nada nos ensina? Será que afinal, tal como argutos filósofos e putativos historiadores apregoam, vivemos num triste mundo de determinismos?

